

Tecendo fios entre presente e passado: ditadura, memórias e trajetória de Dinaelza Coqueiro

Gilneide de Oliveira Padre Lima
Instituto Federal da Bahia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia Brasil
Endereço eletrônico: gilneide.padre@hotmail.com

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, Brasil
Endereço eletrônico: ary.junior@ufmt.br

1410

Palavras-chave: Dinaelza Coqueiro. Desaparecidos políticos. Protagonismo feminino. Ditadura Militar na Bahia

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo destacar a trajetória da militante baiana, Dinaelza Coqueiro¹. Nascida em 1949 na cidade de Vitória da Conquista, Diná como era carinhosamente conhecida foi crescendo em meio as mudanças políticas no Brasil, passando por sua entrada no movimento estudantil, durante o golpe civil-militar de 1964 e culminando com a sua participação na Guerrilha do Araguaia, onde foi morta pela repressão. Apesar da ditadura ter se findado na segunda metade da década de 1980, até hoje seus familiares empreendem na busca pelos seus despojos a fim de dar-lhes sepultamento digno e, conseqüentemente, viver, elaborar e concluir o trabalho de luto. Dessa forma, nesse trabalho, buscaremos não apenas sublinhar os impactos da ditadura militar na vida de Dinaelza, como também abordaremos questões relacionadas à memória familiar e política, bem como a respeito da importância de seu corpo, ainda insepulto, para os seus familiares – as quais entrecruzam presente e passado.

¹ O presente texto faz parte das reflexões publicadas em: Cavalcanti Junior, Ary A. LIMA, Gilneide O. P. Padre Lima, G. Quando presente e passado se entrecruzam: ditadura, memórias e a trajetória de Dinaelza Coqueiro: **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo Entre As Ciências**, 13(01), 21-38. Disponível em: Quando presente e passado se entrecruzam: ditadura, memórias e a trajetória de Dinaelza Coqueiro | Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências (uesb.br) Acesso em 21 jun. 2024.

Realização:



Apoio:



METODOLOGIA

Metodologicamente, o trabalho insere-se no novo campo de estudos da Memória Social, que se ocupa dos estudos voltados para os Direitos Humanos e as memórias da violência política e da repressão. Os quais procuram dar voz a uma parcela das vítimas do Estado brasileiro: os familiares de desaparecidos políticos, particularmente aqui, os familiares de Dinaelza Coqueiro. Na nossa pesquisa, compreendemos a memória enquanto fonte histórica e objeto de estudo (OCHOA, 2005). Sendo fonte, porque recorreremos à fontes de tipologias escritas e orais para reconstruir a trajetória de vida de Dinaelza Coqueiro e a busca pelos seus despojos, empreendida pelos seus familiares. Mas, também é objeto, visto que a sua trajetória é inseparável da memória dos outros, pois, como aponta Halbwachs (2006, p. 30), “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”. Assim, embora Dinaelza e os demais desaparecidos não estejam “materialmente presentes, se pode falar em memória coletiva”, conforme Halbwachs (2006, p. 41); considerando que o seu grupo familiar e companheiros atuam eminentemente em prol do direito de reconstrução da sua memória. Nessa perspectiva, adotamos um caminho metodológico que focaliza a relação dialética entre todo e parte, em sua abrangência particular e sociopolítica, histórica.

Ainda consideramos importante destacar o avanço nas discussões de gênero e da história das mulheres, algo que vem permitindo novos estudos e a luta contra o esquecimento histórico. No caso específico do período ditatorial, como apresenta Rago (2013), até início dos anos 90 do século XX as biografias eram majoritariamente masculinas, porém na segunda metade daquela década surgiram trabalhos biográficos e produções acadêmicas que passaram a reafirmar a importância das mulheres na luta contra a ditadura militar e pela retomada democrática. Sendo assim, entendemos que este trabalho tem como um dos objetivos, contribuir para que mulheres como Dinaelza Coqueiro sejam sempre lembradas por sua militância e inspire outros estudos que partam do mesmo princípio.

Realização:



Apoio:



RESULTADOS E DISCUSSÕES

No âmbito da inserção de Dinaelza na militância política, compreendemos ser fundamental tecer algumas elucidações acerca da Ditadura Militar no estado da Bahia. Pois, isso contribui para rechaçar qualquer ideia que no referido espaço a repressão teria sido mais branda. Como destaca Souza (2013) a Bahia foi fortemente impactada pela ditadura, tendo inclusive os mesmos aportes repressivos de outros locais. Tal constatação ficou comprovada no relatório, de mais de trezentas e vinte páginas, realizado pela Comissão Estadual da Verdade – Bahia (CNV-BA), em 2014, que identificou 11 centros de repressão (locais de prisões políticas) e 13 centros de resistência em Salvador e interior. Segundo o referido documento, até hoje, trinta pessoas seguem desaparecidas. Isso evidencia como o estado atravessou um dos períodos mais tenebrosos de nossa história recente, algo que se soma ao impacto nas trajetórias de muitas pessoas, como Dinaelza Coqueiro, que desde sua entrada na militância estudantil passou a sentir as agruras do Estado repressivo.

Natural do município Vitória da Conquista, Dinaelza Soares Santana nasceu em 22 de março de 1949, numa fazenda nas imediações do distrito de São Sebastião, onde viveu até os oito anos de idade. Filha de Junília Soares Santana e Antônio Pereira de Santana, é a terceira filha dos seis irmãos. Ainda criança, Diná, como era chamada pelos mais próximos, migrou com a sua família para a cidade de Jequié, no Estado da Bahia. Inicialmente, estudou no Grupo Escolar Castro Alves. Posteriormente, cursou Magistério, então denominado Pedagógico, no Instituto de Educação Régis Pacheco, ambas escolas públicas estaduais. Enquanto fazia o curso pedagógico, passou a fazer parte do Clube de Literatura, um grupo formado por colegas de escola, que sob pretexto de se prepararem para o vestibular, estudavam literatura e história, onde aos poucos, foram incorporando aos estudos temas com abordagem política. Em 1969, sua atuação política se intensifica com a entrada na Universidade Católica do Salvador, onde inseriu-se no trabalho político-estudantil da universidade, assumindo posição de liderança (SANTOS, 2004).

Na capital baiana, Dinaelza começou a se relacionar com o estudante de Economia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Vandick Reidner Pereira Coqueiro. Esse relacionamento culminou com o casamento dos dois em 25 de abril de 1970 (PADRE, 2020). Depois de casados, o envolvimento com a militância partidária se fortaleceu, o que os levou a assumirem posição de destaque no partido, conforme revela Santos (2004).

Realização:



Apoio:



Porém, com a vigência do AI-5, o cerco repressivo se intensificou, tendo cartazes de procurados pela polícia estampando a sua fotografia e a de outros colegas. A partir dessas circunstâncias, Diná precisou, juntamente com Vandick, sair de Salvador, entre o final de março e início de abril de 1971, para adentrarem numa “tarefa especial”. A qual seria engrossar as fileiras do exército revolucionário na Guerrilha do Araguaia (SANTOS, 2004). A partir da chegada à guerrilha, Dinaelza se tornou a guerrilheira Mariadina e Vandick passou a ser chamado João Goiano (CAVALCANTI JR, 2020).

A partir da descoberta da guerrilha pelo Estado, em 1972, levou, aos poucos, tropas militares à região. Diná foi supostamente presa pela repressão, em abril de 1974, tendo desaparecido e nunca mais encontrada. Acerca de sua prisão, existem diferentes versões, dentre elas a de que, após dias na mata, com fome, Mariadina teria entrado na casa de um casal de camponeses, que a teriam capturado e entregado a repressão (MORAIS; SILVA, 2005). De toda forma, ainda que não tenhamos uma versão oficial dos passos finais de Mariadina, sua morte e o desaparecimento de seu corpo são uma realidade que prevalece não apenas para seus familiares e amigos, como também para a história nacional (PADRE, 2020).

O estudo do desaparecimento político de Dinaelza Coqueiro insere-se em outros estudos que tratam dos desaparecidos políticos no Brasil. Contudo, ao tratar especificamente desse caso, verificamos que há uma memória familiar e política determinante para o processo de busca do seu corpo empreendido por seus familiares. Compreendemos que falar de seu desaparecimento é falar da memória política brasileira, especialmente do período em que a nação esteve sob o regime militar. Mas também é falar do momento presente, das políticas de memória em andamento no país, das lutas dos coletivos organizados em prol dessa política. E sobretudo, é falar da sua memória familiar, pertencente ao campo afetivo e relacional, da lacuna trazida pela sua ausência, pelo seu corpo insepulto e, constatar como essa memória traveste-se de reivindicação por verdade, memória e justiça.

CONCLUSÕES

Os familiares dos desaparecidos políticos, atualmente, são submetidos à uma tortura infundável, até que um ponto final seja colocado nessa história, com o sepultamento dos seus filhos e filhas. O destino indeterminado faz com que impere a

Realização:



Apoio:



dúvida, companheira inseparável daqueles que enfrentam diuturnamente as adversidades da busca dos paraiedos dos entes queridos. A falta do corpo, dificulta a elaboração do trabalho de luto. A falta dos rituais funerários não permite que o ciclo se feche.

Finalizamos o presente trabalho com diversas inquietações, que, certamente, merecem a nossa atenção e nos propiciarão continuar pesquisando essa temática. Almejamos também que o nosso trabalho possa despertar em outros pesquisadores o desejo de investigar a temática e que se constitua em uma contribuição para essas pesquisas.

1414

REFERÊNCIAS

BAHIA. Comissão Estadual da Verdade. **Relatório de atividades**: agosto/2013-abril/2016. Salvador, 2016. v. 1.

CAVALCANTI JÚNIOR, Ary Albuquerque. **As Dinias do Araguaia**: diferentes trajetórias de uma luta contra a Ditadura Militar. 216 fl. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

OCHOA, Mauricio Menjívar. Los estudios sobre la memoria y los usos del pasado: perspectivas teóricas y metodológicas. In: OCHOA, Mauricio Menjívar; ARGUETA, PADRE, Gilneide. **Do Corpo Insepulto à Luta por Memória, Verdade e Justiça**: Um estudo do caso Dinaelza Coqueiro. Curitiba: CRV, 2020.

SANTOS, Andréa Cristiana. **Ação entre amigos**: história da militância do PC do B em Salvador (1965-1973). 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, BA, 2004.

SOUZA, Sandra Regina Barbosa da Silva. **“Ousar lutar, ousar vencer”**: histórias da luta armada em Salvador (1969-1971). Salvador: EDUFBA, 2013.

Realização:



Apoio:

